

## DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FUNDAMENTO DO VÍNCULO FAMILIAR E SUA INFLUÊNCIA NO CONTEXTO HISTÓRICO-ACADÊMICO

FROM GENERATION TO GENERATION: STORYTELLING AS THE  
FOUNDATION OF FAMILY BOND AND ITS INFLUENCE IN THE  
HISTORICAL-ACADEMIC CONTEXT

DE GENERACIÓN EN GENERACIÓN: LA NARRACIÓN COMO  
FUNDAMENTO DEL VÍNCULO FAMILIAR Y SU INFLUENCIA EN EL  
CONTEXTO HISTÓRICO-ACADÉMICO

Evany Falcão Amorim <https://orcid.org/0009-0000-6486-9790>  
Terezinha Oliveira Santos <https://orcid.org/0000-0003-0323-6142>

### RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que objetivou verificar os efeitos da narrativa de histórias, passada de geração em geração, na fundamentação de vínculos familiares, influenciando o contexto histórico acadêmico. Participaram do estudo a bisavó, a mãe, os tios e tias da pesquisadora e alguns colegas do departamento de educação. Para a produção de informações de pesquisa, foram utilizados questionários disponibilizados de forma eletrônica. Apesar do vínculo afetivo proporcionado através da narração das histórias, identificou-se a necessidade de fornecer suporte psicológico às partes contribuintes nesta pesquisa, a fim de solidificar a construção dos vínculos afetivos e lidar com situações emocionais aparentes, ressignificando o ato de resistir e permanecer.

**Palavras-chave:** Relações Familiares; Afetividade; Contação de Histórias; Contexto Acadêmico; Permanência acadêmica.

### ABSTRACT

This is research that aimed to verify the effects of storytelling, passed down from generation to generation, on the foundation of family bonds, influencing the academic historical context. The researcher's great-grandmother, mother, uncles and aunts and some colleagues from the education department participated in the study. To produce research information, questionnaires made available electronically were used. Despite the affective bond provided through the narration of stories, the need to provide psychological support to the contributing parties in this research was identified, in order to solidify the construction of affective bonds and deal with apparent emotional situations, giving new meaning to the act of resisting and remaining.

**Keywords:** Family Relations; Affectivity; Storytelling; Academic Context; Academic permanence.

### RESUMEN

Se trata de una investigación que tuvo como objetivo verificar los efectos de la narración, transmitida de generación en generación, sobre la fundación de los vínculos familiares, influyendo en el contexto histórico académico. En el estudio participaron la bisabuela, la madre, los tíos y tías del investigador y algunos compañeros del departamento de educación. Para producir información de la investigación, se utilizaron cuestionarios disponibles electrónicamente. A pesar del vínculo afectivo brindado a través de la narración de historias, se identificó la necesidad de brindar apoyo psicológico a los participantes de esta investigación, con el fin de solidificar la construcción de vínculos afectivos y afrontar situaciones emocionales aparentes, dándole un nuevo significado al acto de resistir y permanecer.

**Palabras clave:** Relaciones Familiares; Afetividad; Narración; Contexto Académico;

Permanencia acadêmica.

## INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, uma série de mudanças está ocorrendo na estrutura familiar, em seu ciclo e evolução, nos papéis tradicionais, no surgimento de novos papéis e nas relações intergeracionais. Essa situação de mudança, provocada pelo contexto em que vivemos, afeta gerações e, atualmente, são poucas as pesquisas acadêmicas que tenham como abordagem ou questionamento a importância do vínculo familiar influenciado e alimentado por histórias contadas, outrora, ao redor das fogueiras, ou na soleira das portas, sempre em volta de um ente querido mais velho e, por isso, com mais histórias para contar.

Essa arte que tem por efeito inicial manter viva a lembrança de origens e ancestralidades, evidenciando o sentido cultural e das várias tradições existentes no seio afetivo familiar, geralmente deixada por avós, bisavós etc., tem sido relegada, no mundo mediado eletronicamente, pela televisão, cinema, mais recentemente pelas mídias sociais e digitais. Diante desse novo contexto de situação social afetiva e familiar, trazemos neste estudo a importância de analisar o vínculo construído por meio da contação de histórias que fundamenta as relações familiares, suas características, e a influência que exerce no indivíduo que cresce e almeja melhores condições de estudos e oportunidades para desenvolver uma carreira, buscando inserção nas instituições públicas de ensino, e o que o faz resistir e permanecer nesse espaço, intuindo que esse contexto de desconexão com as histórias contadas incidem nas ações desenvolvidas academicamente.

Nesse contexto, importa destacar as histórias que meu bisavô contava à minha mãe, histórias que ela conta e reconta na busca de me fazer pensar, me inspirar... influenciando a minha vida e a sustentação das minhas escolhas. Minha mãe, em sua infância sem pai, teve meu bisavô como maior referência paterna, conseqüentemente, em minha criação, ela buscou, por meio das histórias, torná-lo presente em minha vida, na forma de enxergar o mundo, de desenvolver o cuidado, de encontrar no riso a força para superar e a fé necessária para viver e esperar por coisas melhores, de estabelecer vínculos de

aproximação familiar e social, de vivência e sobrevivência em meio aos percalços proporcionados pela vida, pelo trabalho, estudo e sustento com limitações financeiras, desafios emocionais e família numerosa.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é biográfica, buscando, por meio da história de vida dos contadores tradicionais, compreender como vai sendo constituída a formação para a contação de histórias e como ocorre a inserção nesse lugar de guardiã ou guardião de histórias. Para isso, utilizamos entrevista narrativa e produção de registro em áudio das histórias por eles/elas contadas, como instrumentos de produção de informações a respeito do local onde vivem e como isso promove vínculo com sua ancestralidade e descendência. Também foram colhidas histórias contadas nesses momentos familiares e, após transcrição e análise, iremos compor o acervo aberto para consulta pública.

Para fundamentar as discussões que serão apresentadas a seguir, dialogamos com as obras de Cléo Bussato (2004), para discussões sobre o contexto da contação de história, com as obras de Maria da Penha Nery (2014), para dialogar sobre afetividade e vínculos familiares, com as obras de Maria de Lourdes Patrini (2005), para o diálogo da resistência e permanência acadêmica. As experiências de colaboradores de pesquisa entrevistados fazem parte do desenvolvimento da discussão sobre como o vínculo familiar produz afetividade e influência na permanência acadêmica.

Por uma questão didática, este trabalho consiste em mais três seções: na que segue, apresentaremos o contexto da contação de histórias, sua origem, quando começou e como ela pode promover vínculo e afetividade nas relações que estimulam e incentivam a permanência no espaço acadêmico. Na segunda, retratamos o percurso metodológico desta pesquisa, apresentamos os contadores de história que motivaram o desenvolvimento desse pensamento, analisando as informações com os autores que selecionamos e, na terceira, apresentaremos os resultados promovidos pelo diálogo, conversas e questionários criados em função da pesquisa. Nessa sequência, abordaremos tais relatos e apresentaremos junto às nossas considerações.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Contar histórias é um hábito que acompanha a humanidade desde o início dos tempos. Nossos mais remotos ancestrais já narravam os acontecimentos do seu cotidiano e, por isso, podemos vê-los nos registros dessas narrativas em escrita inicial, nos desenhos das cavernas (Gancho, 2007 p. 4). Podemos inferir, primeiramente, que era ao redor da fogueira que as pessoas se reuniam para compartilhar os saberes, as descobertas, as aventuras, as leituras de mundo que esse homem fazia; a quem contava era dado o título de “o contador de histórias”. Em alguns povos africanos, os contadores de histórias são chamados de “griôs” pelas culturas eurocêntricas. Segundo Antônio Gramsci (1937), seria esse ser um exemplo de “intelectual orgânico”. Todos reverenciavam o contador de histórias e o reconheciam como aquele do qual a sabedoria era sua maior virtude, além da generosidade em transmitir ensinamentos. De qualquer forma, a contação de histórias é uma prática muito antiga, compartilhada por toda a humanidade e de grande relevância para a nossa história. Há registros comprovando que, antes mesmo da escrita ser inventada, já havia o costume de utilizar o conto oral como instrumento de transmissão de conhecimento. Através dessa tradição oral, muitas sociedades conseguiram preservar a sua cultura, deixando um rico legado de saberes, crenças e tradições, pois cada geração tinha o dever de contar as histórias para as gerações sucessoras. Segundo Patrini (2005, p. 118),

o conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados.

Muitas narrativas fundamentam-se em tradições familiares que tiveram proporção popular. Contar uma história consiste em apresentar para um público, seja ele específico ou não, uma narrativa que parte de certa leitura de mundo. De acordo com Bussato (2006, p. 20); “o conto de literatura oral se perpetuou na história através da voz dos contadores de história”. O maior exemplo são os povos indígenas. A autora ainda destaca a importância que esses povos davam aos círculos formados para dividir acontecimentos do passado de seu povo para as gerações seguintes.

[...] o pajé, que tinha só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos (Busatto, 2006, p. 17).

Ela é uma prática social que favorece a interação, o diálogo, a criação de vínculos afetivos, a manutenção dos vínculos familiares e, até mesmo, o descobrimento do Eu, para fortalecer o enfrentamento de desafios emocionais e físicos, como a permanência no contexto acadêmico. A escritora Rita de Cássia afirmou que contar histórias é

uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso do que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas ficções; é refazer a experiência, retificar a história real na direção que nossos desejos frustrados, nossos sonhos esfarrapados, nossa alegria ou nossa cólera reclamem. (Santos, 2020, p. 20)

Então, sob esse olhar, todos somos contadores de histórias. Contamos histórias o tempo todo. Cada ser humano pode ser considerado, naturalmente, um contador de histórias. Todavia, este trabalho trata do contador familiar, aquele que promove nostalgia, lembranças, risos, e muitas lágrimas. As histórias que cada indivíduo seleciona para registrar na memória e recontar ajudam a construir sua identidade e o do coletivo. A esse respeito, Larrosa (1999, p. 52) afirma que “o sentido do que somos, depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

Nesse sentido, percebemos que a contação de histórias é um ato de resistência e de preservação da identidade que, mesmo com a inserção das novas tecnologias, a contação de histórias continua sendo vista como um processo que perpetua os acontecimentos até os dias atuais e que pode ocorrer em diversos ambientes de socialização, seja a família, a escola ou a universidade. A família é a primeira e principal fonte de contação de histórias. É nesse ambiente que ouvimos as primeiras recordações de nossa ancestralidade, visto que as pessoas mais antigas dessa instituição social são as primeiras a

intermediar esse contato por meio da fala. É, através da oralidade, que se tem uma das mais ricas formas de apresentar outros contextos e o passo inicial para a “leitura de mundo que precede a leitura da palavra” (Freire, 1998 p. 9). Contar ou ler histórias para criar ideias, estimular o cognitivo a descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções.

É ouvindo histórias que podemos sentir e identificar emoções como: raiva, tristeza, irritação, pavor, alegria, medo, angústia, insegurança, desenvolvendo seu potencial crítico, pois, através da audição, o indivíduo é levado a desenvolver o autogerenciamento, por meio da concentração, atenção, formação e criação de pensamentos e ideias que o façam questionar, duvidar e perguntar. Dessa forma, percebemos que a contação de histórias é uma das principais ferramentas de desenvolvimento cognitivo atribuídos à formação do indivíduo, influenciando e até mesmo, direcionando o comportamento em diversas áreas da vida: emocional, social, espiritual e física.

## VÍNCULO FAMILIAR E AFETIVIDADE

São as vivências afetivas o fundamento da nossa existência autônoma ou aprisionada no automatismo. São as marcas afetivas que dão vitalidade, sentido e colorido às nossas ações e aos nossos vínculos. Mas o que significam os nossos vínculos? Como a afetividade os influencia?

Jacob Levy Moreno (1972, p.72), criador da Socionomia, ciência que estuda a articulação entre o individual e o coletivo, afirma que nos revelamos e nos estruturamos por meio da ação, que se constitui do cumprimento de papéis. Portanto, no palco da existência, somos atores que desempenham papéis diretamente ligados ao “eu”. Nossa personalidade é resultante dos vínculos que estabelecemos, do conjunto de papéis que exercemos, dos papéis que estão contidos ou reprimidos, do meio em que vivemos, da nossa modalidade vincular e das nossas predisposições hereditárias. Segundo Nery (2003, p. 20), só existimos nas relações. Existir é coexistir. Na ação, vivemos os papéis sociais ao assumir uma forma de funcionamento em uma situação e em momentos específicos. E damos uma resposta totalizadora ao ambiente, pois na resposta



estão presentes os estímulos internos (cognição, história pessoal e afetividade), os estímulos externos (tipo de vínculo, contexto, cultura e momento) e os projetos dramáticos, isto é, as realizações de expectativas que incluem os critérios de socialização.

Ainda é Nery (2003) que relaciona que o estabelecimento de um vínculo pressupõe a intersubjetividade, a Inter psiquê, a troca de conteúdos conscientes e inconscientes, tais como emoções, fantasias, imagens, sensações, pensamentos, sentimentos, intuições, estados emocionais, que estão dispersos nas diversas formas de linguagem. Ligando ao aprendizado emocional, a construção de vínculos por meio da afetividade resulta, pois, na nossa modalidade vincular afetiva com o mundo, que se constituirá no modo peculiar de desempenho dos nossos papéis em cada vínculo que estabelecemos. A modalidade vincular afetiva, explicitada em nossas condutas conservadas, incorpora um vínculo residual específico, composto pela “criança interna” que há em todos nós e, pelo papel complementar interno, ou seja, os aspectos do outro internalizados pelo indivíduo em vínculos diversos.

Ainda segundo a autora, o vínculo familiar é formado, principalmente, pelos laços emocionais que criamos com membros que compõem o primeiro ciclo de convívio em sociedade desde o nascimento. Sendo assim, cada fase de desenvolvimento do indivíduo é importante, e com isso é necessário buscar entender o que este indivíduo sente em relação aos desafios que vivenciam e como podem ser ajudados nesse processo.

Segundo Müller et al (2017), há estudos sobre a mãe em período gestacional que conta histórias para o seu bebê, ele é um leitor ouvinte enquanto está em sua barriga, ele ouve, sente, se emociona com tudo o que está em seu mundo exterior. Acredita-se também que a leitura incentivada desde antes do nascimento desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança. Embora esses mesmos estudos apontem que o feto não consegue escutar claramente as palavras, a entonação e a frequência de cada voz é que irá possibilitar a ele reconhecer a voz materna logo após o nascimento. Por isso, torna-se necessário que não só a mãe converse com o bebê, pois as vozes ouvidas nessa fase intrauterina terão um significado singular para ele. Nesse sentido, contar histórias durante a gestação é uma ferramenta indispensável

para que a mãe crie laços, vínculos, com o seu filho, contribuindo assim para o seu desenvolvimento, à formação de sua personalidade e, sobretudo, para desvelar certo encantamento pela leitura que pode ter início nessa fase e perpetuar para toda vida. Mas, e depois, quando chegar à vida adulta, a contação de histórias alimentará e manterá tais vínculos?

No pensamento de Nery (2003), o processo de estabelecimento dos vínculos resulta na aprendizagem de lógicas afetivas de conduta, que são essas marcas afetivas que as influenciam. As lógicas afetivas são vividas em vários níveis de consciência e vêm sob a forma de expressão de algum aprendizado emocional, derivado do contato ou convivência. Nesse aspecto, observamos que os vínculos são construídos por meio de uma necessidade, sendo ela afetiva, alimentada pelo emocional, desenvolvendo alicerces de base para o desenvolvimento emocional e resiliência das gerações seguintes.

## CONTEXTO HISTÓRICO ACADÊMICO

Segundo Marcus Garvey, um líder ativista político que inspirou o movimento Rastafári, um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes. Então, as pessoas procuram conhecer as suas origens, suas raízes como uma maneira de constituir sua própria identidade. Mesmo não tendo uma língua escrita formalmente constituída, há registros de vários povos que deixaram vestígios de suas existências, por meio de marcas, desenhos, que indubitavelmente contribuíram para o registro e início de diversas outras civilizações. De acordo com Santos (1999, p. 7) é pela “História que conhecemos a vida dos homens: como era, como é e o que nela se modificou com o passar do tempo”.

No espaço acadêmico, construímos aprendizados por meio das relações com o passado. O contexto histórico contribui para a formação sob a perspectiva de como o aprender sobre o antes ajuda na performance do agora e do futuro. Porém, se ela contribui ativamente para a formação profissional, como saber se o passado, no vínculo familiar, pode ajudar na permanência em ambiente acadêmico?



Durante alguns anos, em meu seio familiar, a história foi a principal ferramenta para aprendizado por meio do estímulo de ponderação, problematização e encontro de soluções. Ela tornou presentes memórias com pessoas já falecidas e estreitou relacionamentos atuais que haviam sido afetados com a distância física e emocional. Com o passar dos anos, as histórias saíram do cenário infantil para experiências reais, me inspiraram e me motivaram até hoje a resistir, construir e perseverar nos sonhos e objetivos de vida. O apoio e as inspirações que provêm da crença, da luta, da estrutura familiar permeiam a vida e o meu crescimento, que vislumbra um futuro melhor e de sucesso, mas que é construído diariamente por meio de escolhas e decisões de superação, e esse eco de decisões, mais conhecido como consequências, inevitavelmente afetarão o futuro.

A escolha da graduação em Pedagogia foi uma demonstração da influência que a história tem na minha vida familiar e a presença que tem nas relações afetivas. Durante o curso, nota-se a presença das disciplinas que motivam um relacionamento com o passado, em como as emoções relatadas por elas deram partido a movimentos sociais, individuais e questionamentos que produziram novas linhas de pensamento, teorias e novos estudiosos. Dentre as disciplinas apresentadas no início do semestre, uma delas iniciou o contato com a contação de história em ambiente acadêmico, por meio da produção e interpretação de texto, realçando a beleza e a elegância que há na comunicação oral.

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (Marcuschi, 2000, p. 25).

Então, contar histórias não é uma ação exclusiva, mas uma composição orquestrada de fala, concordância, afeto, apego, conceitos, estudos, vínculos e efeitos, que pode ser realizada de diversas formas dando-nos a capacidade de obter e transmitir conhecimento. Ela instiga a imaginação, a criatividade e a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui para a formação da

personalidade, envolvendo o social, emocional e o afetivo. Na construção dessa narrativa que contribui para o desenvolvimento multifocal, o contador se entrega ao prazer de sentir, recriar, reviver. Segundo Paulo Freire (2002, p. 12),

buscando a compreensão do ato de 'ler', o mundo particular em que me movia — e até onde não sou traído pela memória —, me é absolutamente significativo. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra.

Memórias dão suporte à contação, e no espaço acadêmico o estímulo direto, proporcionado pelos textos, falas, discussões, ocasionam essa releitura do mundo, provocando reflexões e inquietações nos questionamentos quanto à permanência neste espaço. Paulo Freire (1996), ao afirmar que: “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, convocamos a construir o inédito viável, ou seja, ao compreender as situações-limite em que vivemos, pode construir trilhas de superação e transformação. Talvez o inédito viável nesse percurso que está sendo relatado, tenha sido o desenvolvimento de uma prática emancipatória que permite que um vínculo afetivo familiar construído por uma prática milenar, dê a sustentação necessária para a resiliência na trilha da permanência do espaço acadêmico.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa de Iniciação Científica foi escrita para o projeto Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de Salvador, uma pesquisa interinstitucional que está em curso e envolve mais três universidades baianas, além da UNEB, a saber: a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Essa pesquisa tem como objetivo investigar e dar visibilidade a narradores orais tradicionais que se encontrem na Bahia, reconstituindo as suas histórias de vida, bem como registrando seus repertórios. É uma pesquisa que se insere no Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias, com inserção na graduação e Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade.

Sendo assim, a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, na qual as informações resultantes dos questionários foram compiladas, levando em conta as reflexões e opiniões dos sujeitos de pesquisa, seguindo as orientações de Creswell (2014, p. 216). Todas as informações foram arquivadas em forma de planilha *excel* e será armazenada no computador da pesquisadora por 5 anos.

O processo de análise das informações seguiu a proposta de Creswell (2010, p. 218-219) no que diz respeito à preparação das informações, pois iniciamos com os dados brutos que foram lidos em sua totalidade para que tivéssemos uma ideia geral do conteúdo coletado e pudéssemos refletir sobre o significado do todo. Uma análise mais detalhada pôde ser realizada por meio de uma categorização. Seguindo a proposta de Creswell (2010), foi elaborada uma listagem de temas ou categorias que emergiram da reunião dos dados para, em seguida, conferir uma relação mútua com a descrição e interpretação do significado. A apresentação dos resultados levou em consideração a pesquisa contemporânea sobre o tema.

No processo de construção, foi lançada mão de materiais como vídeo gravações e recursos complementares, pois a ideia é proporcionar reflexões mediante a leitura e ponderação do conteúdo apresentado. Nesse contexto, foram registradas histórias compartilhadas pelos contadores e relacionadas a tópicos de fundamentos históricos ligados ao bairro de moradia do atual contador, a sua convivência e influência para compreender a relação da contação com os laços afetivos. Pensando nesse cenário, foram desenvolvidas questões a serem refletidas por meio desta pesquisa: Toda essa trajetória acima será relacionada com a inserção e a permanência no contexto acadêmico, então como o vínculo afetivo construído com a contação de histórias estabelece vínculos familiares que apoia e incentiva o crescimento e a permanência no ambiente acadêmico? E depois de desenvolvido como ele é alimentado? Como fica evidente a influência existente desse vínculo?

Na busca de refletir sobre as respostas para essa pergunta, foi realizada uma pesquisa bibliográfica desenvolvida de material já elaborado e disponível constituído de documentos impressos, como artigos científicos, dissertações, teses, livros, utilizando dados e categorias teóricas já trabalhadas por outros

pesquisadores e devidamente registrados. Neste estudo, também foram realizados dados por meio de entrevistas narrativas individuais, pesquisas documentais, formulário digital constituído de oito (8) perguntas. De posse do resultado, podemos fazer a análise da qualidade das respostas com o objetivo de buscar o sentimento geral dos entrevistados na participação desse processo de construção da pesquisa.

## O CONTADOR DE HISTÓRIAS: MOTE DA PESQUISA

Na perspectiva da contação de história, compreendemos que essa ação ocorre o tempo todo. Cada ser humano pode ser considerado um natural contador de história. Porém esse trabalho traz características do contador familiar, aquele que promove nostalgia, lembranças, risos, e muitas lágrimas. As histórias que cada membro familiar seleciona para registrar na memória e recontar ajudam a construir e alimentar a afetividade, mantendo a memória viva de algo ou alguém, ressignificando o coletivo. Em minha perspectiva familiar, retrato meu bisavô, Graciliano Felício dos Santos, mais conhecido como Zinho Tapioca, ou Zinho da Bacia, nascido em 12 de agosto de 1902, em São Gonçalo dos Campos, andarilho e mulherengo, por onde passou, procriou. Carismático, conversador, bonito, assim descrevem as mulheres presentes em sua vida, uma delas é minha avó materna, filha de seu primeiro casamento.

O alcance de seu trabalho simples, mas feito com muito esmero o tornou conhecido ao chegar em Salvador, com uma mão na frente e outra atrás. No meio do caminho encontrou Theodora, de apelido “Tió”, a mulher com quem se uniu e teve duas filhas. Fugido no meio do caminho, de São Gonçalo dos Campos para Salvador, aos 29 anos, encontrou Lampião e sua tropa, que o ameaçou de morte. Como ele mesmo dizia: “borrei as carça e corro até hoje para fugir daqueles cabra brabo”. As cantigas que cantava ao trabalhar consertando bacias narram sua trajetória até aqui, além de aprendizados que se enraizaram na educação e no ciclo familiar, que são lembrados por filhos, netos e bisnetos, influenciando na forma de pensar, agir e se relacionar.

Deste modo, por gerações, vínculos foram criados e mantidos, influenciando todos os aspectos da vida de um indivíduo que precisa se

desenvolver até sua fase adulta e talvez, até depois dela, que almeja construir projetos familiares e carreiras profissionais. Carregamos em nós princípios que elevam quem somos, a base do que nos tornaremos. Por meio da minha família, amigos, vizinhos e clientes, ouvi e conheci as histórias que ele contava e mais, sobre quem era meu bisavô, apelidado Zinho Tapioca.

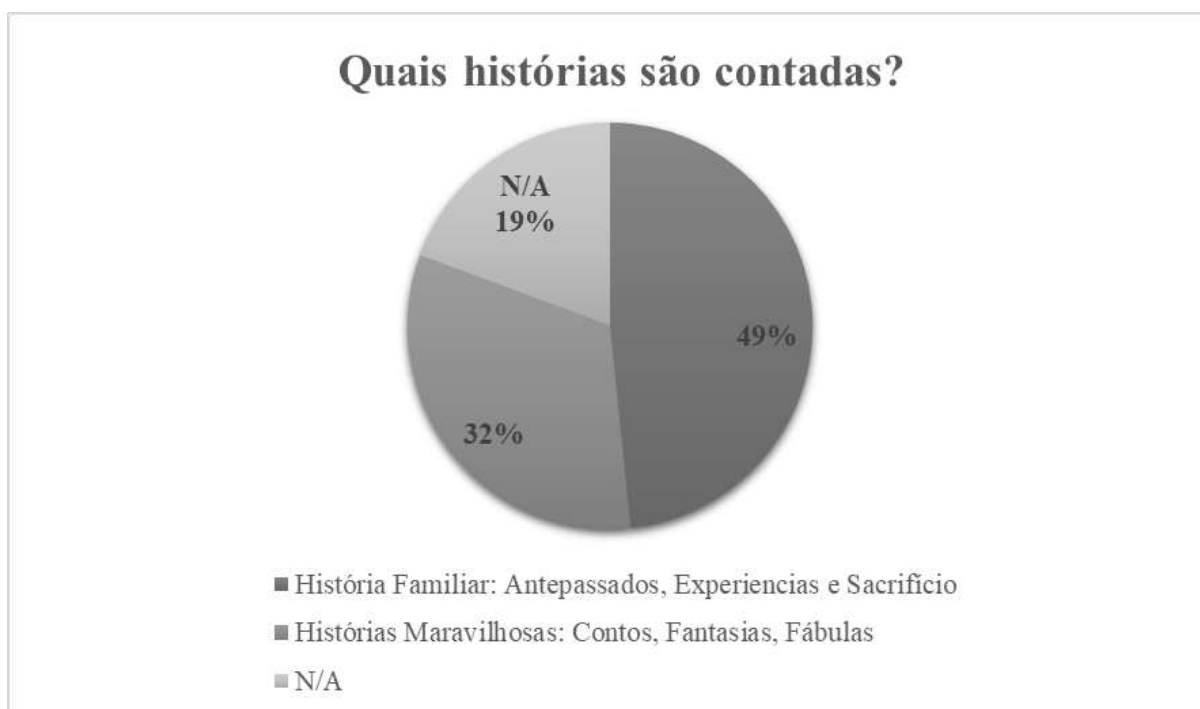
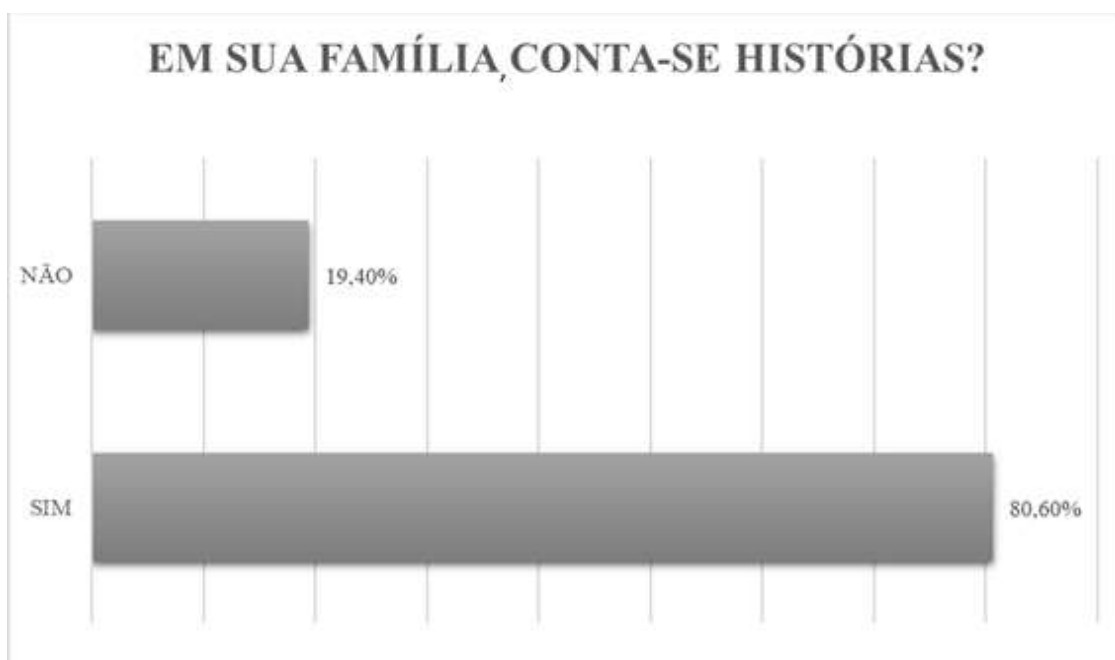
## ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS

Durante o processo de construção desta pesquisa, foi realizada uma pesquisa exploratória para percepção da importância da contação de histórias no seio familiar e como ela influencia o crescimento e as decisões dos indivíduos que entrelaçam o elo das gerações. A pesquisa foi realizada de maneira online, através de questionário distribuído em “forms” e as respostas foram registradas no aplicativo do google, depois sistematizadas na forma de gráficos para visualização das respostas. Os colaboradores de pesquisa apresentam variedade no quesito faixa etária, no entanto nossa percepção contextualiza-se na permanência acadêmica, evidenciado no gráfico abaixo a quantidade de participantes que possuem ensino superior completo ou em curso:



Como é possível perceber, a maior parte dos colaboradores da pesquisa possuem o ensino superior completo, uma parte incompleta, e a outra presente no ensino médio, o que nos diz que as pessoas pesquisadas estão no ambiente

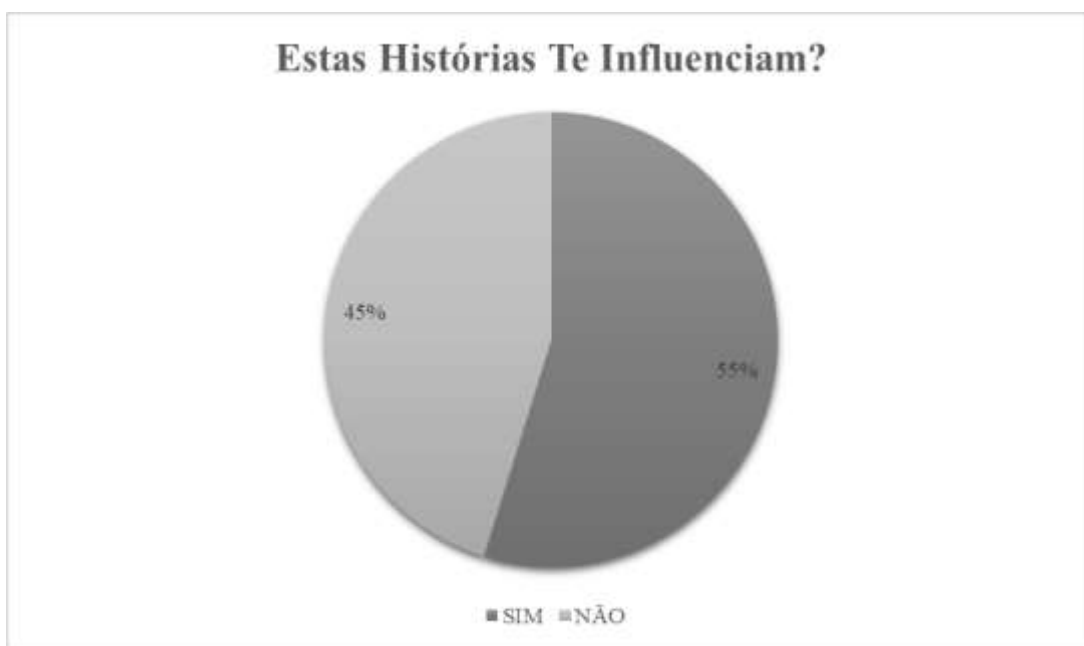
acadêmico. Após identificar o ambiente do nosso público, indagamos a respeito de seu convívio familiar e a relação com a contação de história:



Nota-se que 80% das famílias pesquisadas têm uma relação presente com a contação de história em seu seio familiar. Essa relação pode assumir narrativas sentimentais e emocionais, familiares, ou o que popularmente



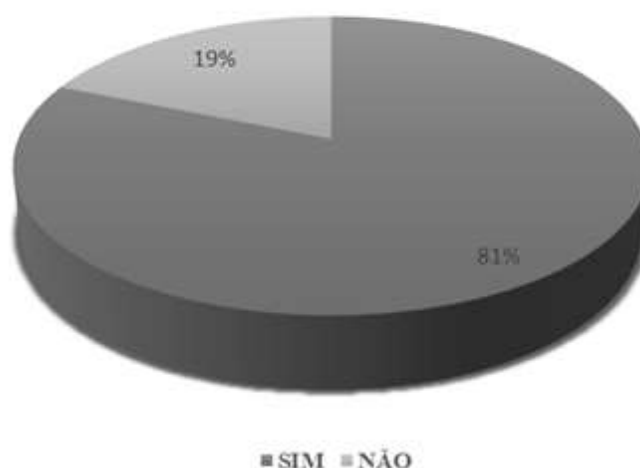
chamamos de histórias maravilhosas, que correspondem ao evento ou fato criado ou atípico da rotina. Desse modo, 49% do público conta histórias referentes a familiares, experiências de vida, sacrifício e superação, mantendo a relação geração em geração, mantendo vida a fibra de seus ancestrais na busca de fomentar sentimentos de união, resiliência e superação para os vínculos afetivos atuais. No entanto, também chama atenção que 32% desse público conta histórias maravilhosas, contos, fantasias, fábulas, esse um dado é relevante, que se aproxima do dobro de pessoas que não contam histórias. Portanto, percebemos que, dessa forma, os familiares dessas pessoas, de modo geral, dialogam entre si seja com as próprias experiências ou com as experiências das histórias maravilhosas.





Notamos que, na maioria das respostas, as histórias influenciam, e essas influências são prioritariamente visíveis no comportamento e no vínculo da interação familiar, também incidindo na identidade e no senso de pertencimento. Então podemos perceber que essas histórias são importantes para que haja bons comportamentos no convívio familiar, os quais proporcionam construção de identidade, intimidade e senso de pertencimentos com o reconhecimento das similaridades com os ancestrais ou personagens alegóricos.

**Você sentiu falta da convivência com a contação de histórias?**



Percebem que a maioria esmagadora responde que ter convivência com as histórias fez falta e acha que seria diferente se elas fossem mais presentes em seu meio familiar. Isso ressalta o quão importante a história é o desenvolvimento, a integração e o convívio social das pessoas, sob o entendimento de si e do mundo.

Esses gráficos apresentam uma variedade peculiar a respeito do protagonismo que a contação de história exerce no primeiro grupo de formação da sociedade, influenciando potencialmente a construção de demais relacionamentos. Percebo que a contação de história na família, seja essa família grande ou pequena, com familiares antigos ou modernos, ela perpetua uma tradição que passa de geração em geração na busca de manter forte o alicerce que a sustenta em períodos de adversidades. É o diálogo compartilhado de experiências familiares que amplia a visão do agora, modelando a personalidade para o desenvolvimento do que chamamos de resiliência, trazendo à tona uma nova identidade associada ao senso de pertencimento nas raízes de nossos ancestrais, elevando nosso ciclo familiar a um outro patamar de vínculos afetivos, mais fortes e mais significativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificando as características apresentadas acima, observamos que o desenvolvimento do indivíduo deriva de uma construção constante de valores e experiências que são passadas de geração em geração, portanto, a decisão da permanência acadêmica não acontece somente quando se decide fazer uma graduação, ou quando sai o resultado do vestibular, mas diariamente. Quando as coisas ficam difíceis de lidar, é o apego às memórias afetivas dos ancestrais, narrado por contadores de história familiar, que fomenta e intensifica a coragem para não desistir e permanecer.

Realizar um estudo sobre o relacionamento familiar nutrido pela contação de história, que, segundo alguns estudos, tem um valor afetivo e intergeracional inestimável quando se refere às decisões quanto à permanência acadêmica e

ao futuro profissional, fez-nos ter uma nova dimensão a respeito do assunto, o quanto ainda pode vir a ser explorado em novos temas para pesquisa.

Também notamos que faz muita falta não ter esse vínculo, e essa ausência alimenta o desejo e a expectativa de construir seus próprios laços familiares, nesse caso, a contação de história será a principal ferramenta de compartilhamento de sentimentos e lições, provocando reflexões e o pensamento crítico necessário com base nas experiências vividas.

Os resultados revelaram a importância da contação de história entre gerações para viabilizar reflexões, promover pertencimento, desenvolver habilidades físicas, mentais e emocionais que serão necessárias para permanência no ambiente acadêmico, assim como para auxiliar o contato com angústias primitivas, luto, alegria e desavenças na vida familiar.

Foi também observado, durante a pesquisa, que o vínculo afetivo é um fator importantíssimo para a contação de história nos lares, mesmo que não diretamente atribuído à formalidade da estrutura da contação de história. Familiares antigos alimentam as gerações sucessoras com as lembranças da vida, cultura e superação de seus ancestrais, promovendo bem-estar, harmonia, conexão, sensação de pertencimento e identidade, fortalecimento das suas raízes familiares em linhagem e em afeto com seus ancestrais, além do reconhecimento de si e de seus valores individuais, que influenciam os interesses, os comportamentos e até as possíveis relações futuras. Com isso, verificamos um elevado grau de satisfação por parte dos envolvidos nesta pesquisa, percebemos que a inserção e a permanência nesse espaço provêm de muitas lutas, nas quais as raízes do afeto familiar se desenvolvem, produzindo valores que entram em destaque nas experiências dos entrevistados, a reconhecemos como resiliência emocional, que não só ajuda, como se torna o principal elemento para desenvolver a resistência necessária para a permanência acadêmica.

Tendo essa perspectiva em vista, notamos que novos rumos podem ser explorados para percepção do impacto da contação de história em diversos contextos, e como ela proporciona reflexão para todos os âmbitos da vida, temas futuros, podendo vir a ser explorados para promover mais reflexão e sensibilidade à realidade do indivíduo que, na sociedade atual, carece de uma

escuta despojada de julgamento e avaliações, estimulando somente as ponderações e as possíveis e novas tomadas de decisões.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna. Letramento, Variação e Ensino.** São Paulo; 1º edição, p. Editora Parábola, janeiro 2002.or

BRAGA, Clarissa Bittencourt de Pinho e & GONÇALVES, Rosselini Brasileira Rosa Muniz & SOARES, Dielma, Castro. **O Canto do Conto como Ferramenta de Disseminação da Diversidade Étnica nas Histórias Infantis.** Congresso luso-brasileiro de história da educação, 2014.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa.** 8. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COELHO, Betty. **Contar histórias - Uma arte sem idade.** São Paulo, Ática. 1986, 78 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** p. 12-14, São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Elaine. **A arte de narrar histórias.** São Paulo: Editora Senac, Setembro, 2018.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2001) **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** p. 133, 2. ed. São Paulo: Cortez. 2010.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade.** p. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NERY, Maria da Penha, **Vínculo e afetividade [recurso eletrônico]: caminhos das relações humanas.** São Paulo: Ágora, 2014. recurso digital. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/book/405821327/Vinculo-e-afetividade-Caminho-das-relacoes-humanas>> Acesso em: 08 agost. 2023.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

PERRAULT, Charles. **Histórias ou contos de outrora.** Seleção e tradução de Renata Maria Pereira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2004.



SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. **Reflexões sobre a arte de contar histórias.** Revista Educação Pública, v. 20, nº 5, 4 de fevereiro de 2020.

SILVEIRA, Bianca Farias. **Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico!** Revista Prolíngua, v. 2, nº 2, p. 34-39, 2008.